

A INCLUSÃO DO AUTISMO NA ESCOLA

GABRIELA DIEL DE ARRUDA¹; GABRIEL DE MORAES SIQUEIRA²; JOÃO PEDRO RODRIGUES RIBEIRO³; BRENDA DE PINHO BASTOS⁴, JULIANA DIEL DE ARRUDA⁵ E LOURDES MARIA BRAGAGNOLO FRISON⁶

¹Universidade Federal de Pelotas – arrudagabriela96@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – gabrielgabiti@hotmail.com

³Universidade Federal de Pelotas– joaoribeiroesef@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas–breenda.bastos@gmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas-julianaddearruda@gmail.com

⁶Universidade Federal de Pelotas– lfrison@terra.com.br

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho consiste compreender o que é o autismo, seus efeitos na sociedade, na realidade escolar e como determinados tratamentos podem ser benéficos aos autistas.

Devido a sociedade na qual vivemos, presenciando padrões de conduta, ideias e posicionamentos pré-estabelecidos, é necessário que haja a discussão de como desmembrar estes padrões e incluir os que não se sentem adaptados a esta sociedade. Um desses casos é o autismo. Ainda hoje, mesmo sendo o autismo um assunto debatido, evidenciamos a presença de preconceito com as pessoas portadoras da síndrome, por isso o nosso objetivo é entender o que significa o autismo, para que possamos ajudar e mudar esta realidade através do ambiente escolar.

A síndrome do autismo é um distúrbio do desenvolvimento, embora os sintomas tornem-se mais evidentes aos três anos de idade. A pessoa autista apresenta dificuldades de compreensão dos significados atribuídos, não se sabe se seu pensamento é do tipo puramente figurativo, sem conservações, o que lhes dificulta a possibilidade de realizar algumas habilidades que impliquem em mudanças (RODRIGUES, 2010).

2. METODOLOGIA

A metodologia utilizada foi um estudo de caso, com entrevistas estruturadas e observações. De acordo com a análise dos estudos feitos, entrevistas e observações, compreendemos que a taxa de inclusão vista não é a desejada. Em contrapartida, notamos que já há uma compreensão maior do assunto e ascendência significativa de profissionais capacitados atuando nas escolas. A população do estudo foram as famílias, nas quais a síndrome se faz presente. A amostra foi constituída por uma mãe de um aluno e um pai de outro aluno de uma escola privada de Pelotas. As observações foram realizadas em duas escolas, uma pública e outra particular, ambas da cidade de Pelotas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste contexto, é fundamental não somente ter um olhar voltado para as crianças, mas também para seus pais, pois são os maiores responsáveis por oferecer tratamento e proporcionar possibilidades de evolução a seus filhos.

Em função disso, cabe ressaltar a importância de também estudar e dedicar cuidados aos pais de crianças autistas, ampliando as informações a respeito dessa síndrome, consequentemente melhorando a qualidade de vida.

A respeito das entrevistas, participou da pesquisa, uma mãe de um aluno e um pai de outro aluno, respondendo ao instrumento que pede pelas informações a seguir: se é pai ou mãe; a idade do filho; quando foi diagnosticado; quais foram os impactos/sentimentos para os pais e sua família ao tomarem conhecimento do diagnóstico; quais as mudanças do cotidiano, rotina... o que mudou, quais as dificuldades e aprendizados relacionados ao diagnóstico dos seus filhos.

Ambos pais entrevistados expuseram que quando foram informados do diagnóstico de seus filhos ficaram em “choque” e preocupados. Todavia, procuraram informar-se sobre o assunto, buscar tratamento e uma nova forma de viver. Disseram-nos que precisam investir muito em suas crianças, tanto em atenção, quanto em tratamentos, os quais citaram: psicológico, pedagógico, fonoaudiológicos, físicos...

Levantando aspectos como o estresse das mães e a escala de auto-eficácia, em um estudo com mães, 70% delas apresentou altos níveis de estresse e a maioria das mães julgou-se mais eficazes com os comportamentos estereotipados (como por exemplo movimentos repetitivos, quantidade excessiva de tempo gasto em uma atividade particular e a insistência para que determinadas coisas fossem feitas de determinada forma (SCHIMIDT, 2007).

No que diz respeito às observações, referente à escola privada, as informações foram coletadas através do relato de uma professora, a qual tinha convívio com este aluno desde outubro de 2015.

Em outubro, quando ele entrou na escola, a mãe nos alertou sobre o autismo, [...] (aluno) era uma criança muito fechada, talvez pelo fato de não conviver com outras crianças até então, ele brincava sempre sozinho, não me olhava nos olhos e não respondia quando era chamado, além de não conseguir conviver com barulhos. Após algumas aulas, onde eu disponibilizava lápis de cor, “canetinhas” e fazia outras brincadeiras, inclusive no recreio, ele começou a interagir, ficava deslumbrado com as crianças [...] Hoje ele é outra criança, quando chamo ele vem, é carinhoso com as outras crianças, as quais entendem que ele ainda não fala e mesmo devido ao egocentrismo dessa fase, elas querem incluí-lo nas atividades. Ele brinca, ri, se diverte e é bastante atento, tem uma ótima memória, repete pouco o que digo, ainda não fala muitas palavras e nem escreve, mas acredito que seja algo que será descoberto ainda esse ano. [...] Lorenzo é uma criança especial sim, com algumas dificuldades, mas é normal, é querido e tem muito a nos ensinar.

Referente à escola pública, a qual apresenta uma realidade bem distinta, a observação foi realizada em sala de aula tendo como sujeito uma aluna de quatro anos e as informações a respeito do caso, foram obtidas através da entrevista feita com a da professora que convive com a criança acerca de um ano, e a conhece há quatro anos.

[...] a própria mãe não aceitava o diagnóstico. A aluna vive em péssimas condições, a família é de baixa renda, [...]. Após um trabalho árduo, hoje ela fala algumas palavras, como o próprio nome e escreve, porém sua escrita é sem sentido e espelhada, uma característica do autismo. Ela interage com a turma [...]. Trabalhamos com o desenvolvimento da memória, da atenção e do equilíbrio, além de instigá-la a participar das aulas entregando as folhas para os colegas. As demais crianças entendem suas limitações, e sempre tentam ajudá-la, mas ela ainda não os acompanha.

4. CONCLUSÕES

Com base na análise dos estudos feitos e dados coletados, é possível perceber que apesar da inclusão dos alunos autistas não ocorrer de forma desejada, já há uma conscientização, de forma geral, da sociedade, relacionadas sobre a importância da inclusão e de como a mesma deve acontecer. Em contrapartida, notamos que também há uma compreensão melhor do assunto e ascendência significativa de profissionais capacitados atuando nas escolas.

Além disso, o preconceito que já foi violentíssimo, hoje perde espaço para pessoas mais abertas e receptivas à diferença e mudança, proporcionando uma vida e experiências positivas para as pessoas com a síndrome e seus familiares.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

RODRIGUES, J. M. C.; SPENCER, E. **A criança autista um estudo psicopedagógico.** Rio de Janeiro: Wak. 2011.

SCHMIDT, C. C.; BOSA, C. **Estresse e auto-eficácia em mães de pessoas com autismo.** Rio de Janeiro: Arquivos Brasileiros de Psicologia, v. 59, n. 2, 2007.